



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

3º BIMESTRE

AUTORIA

ALEXANDRA APARECIDA GUIMARÃES MACHADO

Rio de Janeiro

2012



Texto Gerador I

Uma vez, e era no verão, um homem parara vestido com um grosso sobretudo para tomar um refresco numa das cantinas da cidade. Parecia um estrangeiro. Era pelo meio da tarde e o calor doía nas carnes. Mas o homem parecia não senti-lo, vestido com seu sobretudo novo. O Professor achou o homem engraçado e com cara de sujeito de dinheiro e começou a fazer um desenho dele (com o sobretudo enorme, maior que o homem, era o próprio homem o sobretudo) a giz no passeio. E ria de satisfação, porque provavelmente o homem lhe daria uma prata de dois mil-réis. O homem voltou-se na sua cadeira e olhou o desenho quase concluído. O Professor ria, achava o desenho bom, o sobretudo dominando o homem, era mais que o homem. Mas o homem não gostou da coisa, se deixou possuir por uma grande raiva, levantou-se da cadeira e deu dois pontapés no Professor. Um atingiu o menino nos rins e ele rolou pela calçada gemendo. O homem ainda meteu o pé no seu rosto, dizendo congestionado ao se afastar:

– Toma, corneta, para aprender a não fazer burla de um homem.

E saiu batendo moedas na mão, após meio apagar com o pé o desenho. A garçonete veio e ajudou o Professor a se levantar. Olhou com piedade o menino, que apalpava o lugar dos rins doloridos, olhou o desenho, disse:

– Que bruto! Até que o retrato estava parecido. .. Um estúpido!

Meteu a mão no bolso onde guardava as gorjetas, tirou uma prata de um mil-réis, quis dar ao Professor. Mas ele recusou com a mão, sabia que ia fazer falta a ela. Olhou o desenho semi-apagado, seguiu seu caminho ainda com as mãos nos rins. Ia quase sem pensar, com um nó na garganta. Ele quisera agradar o homem, merecer uma prata dele. Tivera dois pontapés e palavras brutais. Não compreendia. Por que eram odiados assim na cidade? Eram pobres crianças sem pai, sem mãe. Por que aqueles homens bem vestidos tanto os odiavam? Foi com sua dor. Mas aconteceu que no caminho para o trapiche, no deserto do areal sob o sol, encontrou

novamente, minutos depois, o homem de sobretudo. Parecia que ia para um dos navios atracados no porto e levava agora o sobretudo no braço porque o sol estava abrasador. Professor tirou a navalha (poucas vezes a usava) e se aproximou do homem. O calor tinha alijado do areal todos os homens e o do sobretudo cortava pela areia para fazer o caminho mais curto para o cais. O Professor foi silenciosamente por detrás do homem quando chegou perto tomou a frente com a navalha na mão. A vista do homem tinha transformado a confusão de seus sentimentos num único sentimento: vingança. O homem o olhou aterrorizado. O Professor crescia em sua frente com a navalha aberta. Murmurou entre dentes:

– Sai, moleque.

O Professor avançou com a navalha, o homem ficou branco.

– Que é isso? Que é isso? – e mirava todos os lados na esperança de ver alguém. Mas só ao longe, nas docas, apareciam perfis de homens. Então o do sobretudo largou a correr quando o Professor saltou em cima dele e lhe cortou a mão com a navalha. O sobretudo ficou abandonado no chão e o sangue caía da mão do homem na areia. O Professor tomou pelo outro lado, ficou um instante sem saber que fazer. Não tardaria a vir um guarda, logo muitos, acompanhando o homem em sua perseguição. Se o navio do homem saísse logo, tudo estava bem, a perseguição pouco demoraria. Mas se tardasse a sair, com certeza o homem o perseguiria até dar com ele e pô-lo no xadrez. Então o Professor lembrou-se da garçone. Caminhou para a cantina, do jardim que ficava em frente fez sinal para a garçone. Ela veio e logo compreendeu quando o viu com o sobretudo. O Professor avisou:

– Ele tá com um talho na mão. Ela riu: – Tu te vingou, hein? Levou o sobretudo para a cantina, guardou. O Professor sumiu até que o navio saiu barra afora. Mas de onde estava viu a batida dos guardas pelo areal e pelas ruas adjacentes. Foi assim que o Professor tinha conseguido aquele sobretudo, que nunca quis vender. Adquirira um sobretudo e muito ódio.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO1

O Texto Gerador é um fragmento do capítulo Aventura de Ogum, narrativa que conta como o Professor adquiriu o sobretudo que tempos depois seria sua marca registrada em seus quadros. Como você já sabe, a organização narrativa pode aparecer em textos ficcionais ou não. Caracteriza-se por uma sequência de ações interligadas, série de acontecimentos encadeados que progridem para um fim. Uma sequência narrativa é sempre formada por uma apresentação, uma complicação, um clímax e um desfecho. Identifique esses elementos no texto que você acabou de ler, preenchendo o quadro abaixo.

Apresentação	
Complicação	
Clímax	
Desfecho	

Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Resposta Comentada

Nesse fragmento o aluno deverá perceber facilmente que a apresentação é o momento em que o Professor avista o homem vestido com o sobretudo numa cantina da cidade achando-o engraçado, que a complicação é quando o menino faz um desenho do homem na calçada, o homem vê o desenho, não gosta e o agride, o clímax é quando o Professor o reencontra na praia, o aborda com um canivete e o fere na mão e o desfecho é quando o estrangeiro foge deixando o sobretudo nas areias da praia e o Professor pega o sobretudo e fica para ele.

QUESTÃO 2

O foco narrativo em terceira pessoa apresenta um narrador que não participa da história. O narrador em terceira pessoa pode se mostrar das seguintes formas.

- Narrador onisciente: revela aos leitores as ações, os sentimentos e pensamentos da(s) personagem(ns).
- Narrador observador: não participa dos acontecimentos; conta a história de uma perspectiva mais neutra e imparcial.
- Narrador intruso: fala com o leitor e julga o comportamento da (s) personagem (ns).

Sabendo disso, analise o texto, identifique o narrador e apresente um trecho que justifique sua resposta.

Habilidade trabalhada

Identificar o foco narrativo.

Resposta Comentada:

O aluno deverá identificar que o narrador é onisciente, pois ele revela os sentimentos e pensamentos das personagens.

Os trechos para justificar a resposta poderão ser os seguintes:

“E ria de satisfação, porque provavelmente o homem lhe daria uma prata de dois mil-réis.”

“La quase sem pensar, com um nó na garganta.”

“A vista do homem tinha transformado a confusão de seus sentimentos num único sentimento: vingança.”

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4.

Observe a passagem abaixo.

Se o navio do homem saísse logo, tudo estava bem, a perseguição pouco demoraria.

Na passagem assinalada, o uso do verbo no subjuntivo, associado ao conector “se”, expressa a ideia de:

- (a) conclusão
- (b) condição
- (c) finalidade
- (d) proporção
- (e) tempo

Habilidade trabalhada

Relacionar o emprego do modo subjuntivo à ocorrência de orações subordinadas adverbiais.

Resposta Comentada

É importante que o professor leve o aluno a perceber que o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo indica uma hipótese, e após analisadas as questões, o aluno deverá concluir que a

resposta correta é a opção b, pois a perseguição pouco demoraria sob a condição do navio sair logo.

TEXTO GERADOR II

Gato olhou para Dora ensaiando seu melhor sorriso. Fez uma espécie de saudação (tinha visto no cinema um galã fazendo) com o corpo, ensaiou uma frase que tinha ouvido certa vez:

- Boas-vindas, madame...

Não se lembrou do resto, ficou meio encabulado, foi embora ver Dalva. Mas os demais já se aproximaram. Sem-Pernas e Boa-Vida vinham na frente. Dora olhava assustada. Zé Fuinha dormia de cansaço. João Grande se pôs na frente de Dora. A luz da vela iluminava o cabelo loiro da menina, de quando em vez pousava nos seios. Professor se levantou, encostou-se na parede. Agora a lua aparecia pelos buracos no teto.

Boa-Vida estava diante deles. Sem-Pernas vinha coxeando, e os outros logo atrás, os olhos estirados para Dora. Boa-Vida falou:

- Quem é essa lasca?

Professor adiantou:

- Tava com fome. Ela e o irmão. A bexiga matou o pai e a mãe...

Boa-Vida riu um riso largo. Empinou o corpo:

- É um peixeão...

Sem-Pernas seu sorriso burlão, apontou os outros:

- Tá tudo como urubu em cima da carniça...

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6

Observe o trecho:

Boa-Vida estava diante deles. Sem-Pernas vinha coxeando, e os outros logo atrás, os olhos estirados para Dora. Boa-Vida falou:

- Quem é essa lasca?

Professor adiantou:

- Tava com fome. Ela e o irmão. A bexiga matou o pai e a mãe...

Boa-Vida riu um riso largo. Empinou o corpo:

- É um peixão...

Sem-Pernas seu sorriso burlão, apontou os outros:

- Tá tudo como urubu em cima da carniça...

Reescreva a passagem acima no discurso indireto:

Habilidade trabalhada

Diferenciar e utilizar adequadamente os discursos direto e indireto.

Resposta Comentada

O aluno deverá observar que ao transpor do discurso direto para o indireto deve mudar o tempo verbal, no caso deste trecho, do presente do indicativo para o pretérito perfeito e imperfeito.

Boa-Vida estava diante deles. Sem-Pernas vinha coxeando, e os outros logo atrás, os olhos estirados para Dora. Boa-Vida perguntou quem era aquela menina.

Professor então adiantou que ela e o irmão estavam com fome, pois a bexiga matou o pai e a mãe deles.

Boa-Vida riu um riso largo. Empinou o corpo e disse que ela era um peixeão.

Sem-Pernas riu seu sorriso burlão, apontou os outros e disse que estavam todos como urubu em cima da carniça...

ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 7

No Festival da MPB de 1967, Gilberto Gil apresentou, acompanhado pelo grupo Os Mutantes, a canção “Domingo no parque”. Repare que letra da música narra uma tragédia provocada por um triângulo amoroso. Transforme essa música em uma narrativa. Lembre-se de que ela deve conter todos os elementos que compõem o enredo.

Domingo no parque

Gilberto Gil

O rei da brincadeira - ê,

O rei da confusão - ê,

Um trabalhava na feira - ê, José

Outro na construção - ê, João

A semana passada, no fim da semana

João resolveu não brigar

No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra Ribeira jogar
Capoeira
Não foi pra lá pra Ribeira
Foi namorar

O José como sempre no fim da semana
O amigo João – João
Guardou a barraca e sumiu
Foi fazer no domingo um passeio no parque
Lá perto da Boca do Rio

Foi no parque que ele avistou
Juliana
Foi que ele viu
Juliana na roda com João
Uma rosa e um sorvete na mão
Juliana, seu sonho, uma ilusão
Juliana e o amigo João

O espinho da rosa feriu Zé
Amanhã não tem feira - ê, José
Não tem mais construção - ê, João
Não tem mais brincadeira - ê, José
Não tem mais confusão - ê, João

O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, girando na mente - ô, José
Do José brincalhão - ô, José

Juliana girando - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
O amigo João - João

O sorvete é morango - é vermelho
Oi, girando, e a rosa - é vermelha
Oi, girando, girando - é vermelha
Oi, girando, girando - olha a faca!

Olha o sangue na mão - ê, José
Juliana no chão - ê, José
Outro corpo caído - ê, José
Seu amigo, João - ê, José
Juliana e o amigo João
O espinho da rosa feriu Zé
Amanhã não tem feira - ê, José
Não tem mais construção - ê, João
Não tem mais brincadeira - ê, José
Não tem mais confusão - ê, João

Habilidade trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

Resposta Comentada

O professor deverá iniciar a aula relembrando o conceito de romance e os elementos de um texto narrativo. Logo após mostrar figuras que aparecerão na música. Exemplo: feira, construção, rosa vermelha, sorvete, roda-gigante, faca e roda de capoeira. Logo após colocar a música para a classe ouvir. Na primeira audição é possível que os alunos não entendam a letra. O professor deverá pedir para que os alunos fechem os olhos, tentem só ouvir e imaginar o que está sendo ouvido. Logo após perguntar o que a turma entendeu e discutir sobre os fatos acontecidos na música. Ao final pedir para que os alunos transformem coletivamente a música em um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

REFERÊNCIAS

CEREJA, Wiliam Roberto; MAGALHÃES, Cochar Magalhães. **Português Linguagens**. São Paulo: Atual Editora, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**. Curitiba: Base Editora, 2003.

RODELA, Gabriela; NIGRO, Flávio, CAMPOS, João. **Português: a arte da palavra**. São Paulo Editora AJS, 2009.